



A Musa não se Medusa: Adriana Calcanhotto e a subjetividade artística em tempos de pandemia

Larissa Oliveira Melo (IC PIBIC UEG)*, Marcelo Gustavo Costa de Brito (PQ)

laralarissaoliveiraa@gmail.com

Universidade Estadual de Goiás, campus Nordeste-sede Formosa

Resumo: Em março de 2020, foi anunciada oficialmente a pandemia do novo coronavírus, colocando o Brasil em quarentena, e o mundo que conhecemos se transforma. Nesse momento de caos, a cantora e compositora brasileira Adriana Calcanhotto lança o álbum visual “Só”, filmado em seu quarto, ela canta sobre as aflições, medos e saudades que o isolamento trouxe. A presente pesquisa procura entender a importância da música em momentos de crise e a subjetividade artística durante a pandemia, analisando o álbum de quarentena de Calcanhotto, sua recepção pelo público e pela crítica especializada.

Palavras-chave: Pandemia. Adriana Calcanhotto. Subjetividade artística. Isolamento.

Introdução

Num cenário marcado por muitas incertezas, pouco depois do anúncio oficial da pandemia do novo coronavírus, a cantora e compositora brasileira Adriana Calcanhotto lançou o álbum visual “Só”¹, um clipe com 9 canções inéditas, filmado no quarto da artista durante o período inicial de isolamento.

Após a abertura em que a musa vence o caos e materializa-se em música, a canção *ninguém na rua* abre o álbum: “Céu preto, antes da uma, ninguém na rua, nem mesmo a luz da lua...” Vemos Adriana descrever poeticamente a solidão do isolamento, a onipresença desse sentimento.

Ao acompanhar a recepção da citada música *Ninguém na rua* pelo público nos comentários do vídeo, percebe-se muita gente agradecendo a compositora e ressaltando a importância do olhar da arte sobre a dura realidade que se entalou com a pandemia.





J. agradeceu a Adriana: “Te amo, meu amor. Obrigada por sua arte desde sempre e especialmente nos dias atuais”². M.K segue na mesma linha: “Música tão necessária nesses momentos. Obrigado por isso.”³ Esses relatos fazem crer que a música foi, para muitos, uma forma efetiva para enfrentar a quarentena. Em períodos de crise, a música pode funcionar como um outro olhar para a realidade e é ferramenta importante para transmitir esperança.

Esta pesquisa, ao identificar sentidos colocados em circulação pelo álbum *Só*, especialmente entre público e crítica, procura contribuir para uma reflexão mais ampla sobre a subjetividade artística durante a pandemia do novo coronavírus e a importância da arte em momentos de crise.

Material e Métodos

Para o presente estudo, o foco na recepção da obra artística de Adriana Calcanhotto – em especial o álbum *Só*, composto pela artista durante a pandemia – nos aproxima do conceito de “apropriação”, amplamente utilizado nos estudos da História Cultural. *Apropriação*, como desenvolvida por Roger Chartier⁴, muito próxima das táticas de ressignificação do cotidiano apontadas por Michel de Certeau⁵, consiste basicamente em admitir que a recepção dos dados sociais não se dá de maneira unívoca, já que, por um lado, nesses dados não existe um sentido original e, por outro, o sentido é construído a partir das referências individuais.

A partir dessa compreensão, a presente pesquisa busca analisar os sentidos atribuídos pelo público ao álbum *Só*. Estão sendo analisadas as postagens individuais no clipe na plataforma YouTube, onde a obra foi lançada em 29 de maio de 2020, como também postagens nos vídeos das músicas lançadas individualmente depois. Para melhor enquadrar essa recepção do público, foi feito também um estudo sobre a recepção do álbum em alguns veículos de imprensa.

O presente estudo pauta-se, ainda, na variação de escalas proposta pela

² Comentário público no vídeo “Ninguém na Rua” in YouTube, 03/06/2020

³ Comentário público no vídeo “Ninguém na Rua” in YouTube, 03/06/2020

⁴ Cf. CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand





micro-história. Como sustenta o historiador Jaques Revel, a opção por uma análise micro se pauta pela “variação de escalas” como método de conhecimento, sem necessariamente implicar em hierarquias entre abordagens mais amplas ou mais detalhadas⁶. Nesse caso, na ampla temática que investiga a experiência da pandemia da COVID-19 no Brasil, se realiza um primeiro recorte focando nas apropriações da subjetividade artística nesse contexto, para com mais uma delimitação, valendo-se da escala micro, pensar o caso da artista Adriana Calcanhotto, mais especificamente, a recepção da sua obra produzida na quarentena.

Resultados e Discussão

Se reinventar não é uma tarefa simples, mesmo em condições normais requer disciplina, criatividade e vontade de mudar. A pandemia do novo coronavírus impôs a todos essa ideia de reinvenção, e saímos à procura de novas formas de trabalhar, de criar e de nos manter ativos. A necessidade de se reinventar chegou até Adriana Calcanhotto, que desde o momento em que a pandemia foi anunciada se sentiu impelida a contribuir de alguma forma, como revela em entrevista: “Aí eu fiquei com esse impulso, essa energia toda de fazer alguma coisa pelas pessoas por causa da pandemia, querendo me sentir útil”.

O clipe da quarentena ganhou destaque em várias mídias. Adriana foi convidada para inúmeras entrevistas para comentar o processo criativo por trás desse álbum e clipe feitos de forma tão atípica. Felipe de Jesus, crítico do Culturaliza BH, escreve sobre o álbum: “O que vejo de bom em tudo isso é que no afã de produzir, ela elaborou um trabalho reflexivo e acima de tudo, poético.”⁷ Um de seus fãs comenta no clipe: “Adriana é peça única no Br, ninguém é tão original e conceitual aqui! Que coisa necessária e singular”⁸. Dois comentários que

⁶ Sobre a questão da “variação de escalas” na micro-história, conferir REVEL, Jacques. *“Microanálise e construção do social”* In Jogos de Escalas. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p.20.





exemplificam o olhar do público e da crítica para o álbum e mostram a importância da música em momentos de crise, como um lugar de conforto e segurança, e também como um porta-voz de dores e posicionamentos. Adriana Calcanhotto, uma artista renomada dentro do cenário musical brasileiro se reinventa mais uma vez durante a pandemia, e dá voz a um país isolado e com medo por meio de sua arte.

Considerações Finais

Essa pesquisa procurou contribuir para o debate mais amplo sobre como a subjetividade artística opera em tempos de pandemia e a importância da arte em tempos de crise.

Informados pelo conceito de “apropriação” como proposto por Roger Chartier, conceito central na História Cultural, buscamos identificar os sentidos atribuídos ao clipe/álbum pela recepção do público, a partir dos comentários publicados no vídeo que lançou o álbum no YouTube e nos vídeos das músicas lançadas individualmente. Além disso, como forma de ponderar sobre esses sentidos atribuídos pelo público, nós os relacionamos aos sentidos atribuídos à obra por parte da crítica.

Vimos, a partir da trajetória e da produção de Adriana Calcanhotto, como a subjetividade artística é capaz de assimilar esse período de tantas incertezas e devolver essa experiência em narrativas, no caso, canções.

Seja refinando nossas sensações, ou nos projetando para outros tempos e lugares, ou revelando sensibilidades diferentes em relação ao vivido, ou ainda dando forma ao que sentimos mas não conseguimos elaborar: as canções de Adriana Calcanhotto no álbum *Só* são exemplos do poder da criação sobre o caos. Afinal, “a musa não se medusa: do caos faz música”.





Agradecimentos

Agradeço a minha mãe e a minha avó por sempre me incentivarem e acreditarem nos meus sonhos, aos meus professores que me fazem amar cada dia mais o campo da História, com um agradecimento especial ao meu orientador nesta pesquisa, professor Marcelo Brito. Agradeço ainda a UEG pela bolsa de Iniciação Científica que permitiu a elaboração dessa pesquisa.

Referências

CAMPOS, Haroldo. *Entremilênios*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CERTEAU, Michel de (1980). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Vol.1. Petrópolis: Vozes, 2002.

CHARTIER, Roger. *História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

REVEL, Jacques. “*Microanálise e construção do social*” In *Jogos de Escalas*. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Calcanhotto, Adriana. “Só” in *YouTube*, 29/05/2020.
<https://www.youtube.com/watch?v=1TMhfkf-ajY>

Calcanhotto, Adriana. “Ninguém na Rua” in *YouTube*, 03/06/2020.
<https://www.youtube.com/watch?v=jazLY2loQEY>

Calcanhotto, Adriana. “O que temos” in *YouTube*, 11/06/2020.
<https://www.youtube.com/watch?v=CjrU7mjxdP4>

Calcanhotto, Adriana. “Sol Quadrado” in *YouTube*, 13/06/2020





Calcanhotto, Adriana. Entrevista para o podcast “Matéria bruta”, 08/07/2020, disponível na plataforma do Spotify.

Adriana Calcanhotto Lança “Só”, álbum que reforça o estilo único de sua poesia e a importância da solidariedade em tempos de reclusão. In Culturaliza BH, 03/07/2020. <https://culturalizabh.com.br/index.php/2020/07/03/adriana-calcanhotto-lanca-so-album-que-reforca-o-estilo-unico-de-sua-poesia-e-a-importancia-da-solidariedade-em-tempos-de-reclusao/>

